

MIRADAS FEMININAS: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DE EDITORAS INDEPENDENTES GERIDAS POR MULHERES NO BRASIL

Karina Lima Sales (UNEB) ⁴⁸

RESUMO

As editoras independentes no Brasil despontaram nos últimos anos como fenômeno da nova cena cultural. Atuar como editora independente no mercado editorial brasileiro é uma espécie de luta, com desafios os mais variados que se interpõem aos editores-autores-envolvidos em cada um dos projetos. Dentre as diversas experiências editoriais independentes que vicejam no país interessa-nos, nesse texto, projetos editoriais independentes geridos por mulheres e que publicam mulheres. Essas editoras surgem, antes de tudo, como um posicionamento político de enfrentamento a uma sociedade ainda marcadamente patriarcal e misógina, também no que tange ao mercado editorial. O artigo centra-se em três editoras brasileiras, analisando suas ações para além do mero ato de produção editorial. As atividades de editoras independentes geridas por mulheres devem ser analisadas como agenciamentos que estão conectados e articulados a vários outros, gerando outros possíveis agenciamentos, em uma esfera político-cultural que pode e deve ultrapassar o âmbito do campo editorial.

Palavras-chave:

Editoras independentes geridas por mulheres. Aliás Editora.
Quintal Edições. Me Parió Revolução. Agenciamentos coletivos.

ABSTRACT

Independent publishers in Brazil have emerged in recent years as a phenomenon of the new cultural scene. Acting as an independent publisher in the Brazilian publishing market is a kind of fight, with the most varied challenges facing the editors-authors-involved in each of the projects. Among the independent editorial experiences that thrive in the country, we are interested in independent editorial projects managed by women and that publish women. These publishers emerge, above all, as a political position to confront a society that is still markedly patriarchal and misogynistic, also to the publishing market. The article focuses on three Brazilian publishers, analyzing their actions beyond the mere act of editorial production. The activities of independent publishers managed by women must be analyzed as agencying that are connected

⁴⁸ Doutora em Letras: Estudos Literários pela UFMG. Professora Assistente no Curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X. E-mail: kalisalima@hotmail.com.

and articulated with several others, in a political-cultural sphere that can and must go beyond the scope of the editorial field.

Keywords:

Independent publishers managed by women. Aliás Editora.
Quintal Edições. Me Parió Revolução. Collective agencying.

1 O fenômeno das editoras independentes no cenário editorial brasileiro

Quando se observa o cenário editorial brasileiro dos últimos dois anos percebe-se que ele foi marcado por uma grave crise. Em 2018, duas grandes redes de livrarias do país foram atingidas por ela, a Saraiva e a Cultura, levando ao fechamento de lojas físicas e a pedidos de recuperação judicial, atrasando ou suspendendo pagamentos às editoras fornecedoras. Em 2020, com o pandêmico cenário do coronavírus, a crise voltou a atacar o setor livreiro. Novamente Saraiva e Cultura, que alegavam tentar recuperar-se, em parte, da crise, voltaram a atrasar pagamentos. A única que parece passar pela crise sem maiores consequências – mesmo porque, na crise anterior, crescera de forma sólida – é a gigante de vendas Amazon, cujo império se fortalece, pois continua vendendo muito, pautada no sistema *e-commerce*, paga a seus fornecedores e tem o poder de conquistar uma maior fatia do mercado de livros. Outras livrarias também foram obrigadas a renegociar pagamentos ou suspendê-los de imediato, em meio à pandemia, surpreendendo fornecedores e levando editoras independentes a graves crises. Esse recente cenário resultou, em março, em um movimento de mais de cem editoras independentes que foram a público, explicitando, em uma dura carta, a quebra de confiança das relações comerciais e exigindo o pagamento das vendas consignadas e ameaçando ir à justiça para a cobrança dos valores devidos pelas livrarias.

Embora a crise do setor livreiro no Brasil não seja o foco desse texto, ela toca no fenômeno do crescimento das editoras independentes e sua busca por fortalecimento no mercado. Nos últimos anos tem crescido o número de feiras literárias realizadas no país, multiplica-se a criação de pequenas livrarias e editoras independentes, que parecem compor uma força de resistência, impulsionados pelo alcance da internet e busca de custos mais

Gênero, sexualidade e identidades

baixos de impressão. O setor ia bem, até que chegou a pandemia. Se a queda das vendas atingiu as gigantes do mercado, também o fez em relação às pequenas editoras e às editoras independentes. Nesse momento de contingência, a compra de livro acaba sendo um dos primeiros cortes.⁴⁹ As editoras independentes, que despontaram nos últimos anos como fenômeno da nova cena cultural, sem capital, podem sucumbir à queda drástica nas vendas e, por isso, precisam buscar formas de sobrevivência e investem em sua condição precípua, o que tem sido chamado de uma cultura anti-Amazon: o livro como ferramenta política, não só produto de consumo.⁵⁰ Não basta vender, simplesmente. Atuar como editora independente no mercado editorial brasileiro é uma espécie de luta, com desafios os mais variados que se interpõem aos editores-autores-envolvidos em cada um dos projetos. E as editoras independentes que intentam consolidar suas ações vinculando práticas editoriais com conteúdo, para além da mera ação de publicar e vender livros, podem ser analisadas como focos de resistência cultural. Segundo Malena Botto, “las editoriales independientes se conciben a sí mismas como actores culturales, más que como empresas con fines de lucro. La editorial es un medio para difundir ideas, arte y/o conocimientos” (2006, p. 223).

Essa atuação das editoras independentes como atores culturais pode ser exemplificada com experiências editoriais diversas, como a das editoras

⁴⁹ A recente proposta de reforma tributária do governo federal que prevê o fim da isenção de contribuição para livros, se aprovada, encarecerá ainda mais o produto e o colocará na condição de artigo de luxo. A Câmara Brasileira do Livro, o Sindicato Nacional dos Editores de Livro e a Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares publicaram um “manifesto em defesa do livro”, em que se posicionaram contrários à mudança. Para as instituições, essa cobrança aumentaria a desigualdade do acesso ao conhecimento e à cultura. Esse movimento em defesa do livro foi fortalecido nas redes sociais, com uma adesão em massa de internautas.

⁵⁰ Como movimento amplo, nessa perspectiva, destaca-se a realização, com a participação de diversas editoras, do Salão do Livro Político, que teve a sua quinta edição em 2019, com a realização de mesas redondas com temas politicamente instigantes, promoção de cursos (em 2019 foi sobre o pensamento de Paulo Freire), atividades culturais como filmes, peças teatrais e apresentações musicais e vendas de livros de 35 editoras independentes, com a presença de editores e autores, para interação com o público. O evento poderia ser acompanhado pelos visitantes nas páginas do Facebook do Salão do Livro, da TV PUC-SP e Fundação Perseu Abramo, que transmitiam ao vivo as mesas ou publicaram vídeos das mesas e conferências na sequência das atividades. Esse material também pode ser acessado na página web do Salão do Livro. Um dos fundadores da Editora Elefante, uma das organizadoras do Salão do Livro, o jornalista Tadeu Breda, em entrevista concedida a Rôney Rodrigues, afirma que é preciso apostar na construção de uma cultura livresca que se oponha ao Império da Amazon, que transforma livros em *commodities*, baseando nossa relação com o conhecimento no “menor preço” e no “imediatismo”. Para Breda, a contribuição das livrarias e editoras independentes é mais eficaz se desacelerarem o frenético fluxo de venda e compra para cultivar uma relação mais vagarosa e forte com leitores, dando-lhes atenção e estimulando a crítica aos gigantes do mercado editorial. A ideia é de “humanizar o livro”, entendido não apenas como mercadoria, mas também instrumento para a política, a cultura e a felicidade humana.

cartoneiras. A primeira editora cartoneira surgiu na Argentina em 2003, a Eloísa Cartonera, fundada em Buenos Aires por Washington Cucurto, Javier Barilaro e Fernanda Laguna. Hoje as editoras cartoneiras são muitas e se multiplicam por vários países, tendo como matriz a experiência da Eloísa Cartonera. No Brasil, há várias editoras cartoneiras, como Dulcineia Catadora, Mariposa Cartoneira, Pé de Letra, Sereia Catadora, Cartoneira do Mar, Malha Fina Cartoneira, dentre tantas outras. Em suas listas de autores publicados, figuram autores já conhecidos e consagrados, mas principalmente novos autores. Nessas editoras, o papelão coletado nas ruas é transformado em obra de arte, recheada de literatura latino-americana. Segundo Ksenija Bilbija, cada “una de las comunidades editoriales cartoneras diseminada por la matriz Eloísa Cartonera está en relación con contextos específicos en los que la circulación del producto - el libro - impacta la creación de nuevas identidades sociales” (2010, p. 11). Como sintetiza Bilbija, “usar el libro como arma contra las injusticias neoliberales, no sólo teóricamente, sino en términos prácticos a través de su propia producción, es el objetivo de la editorial cartonera” (2010, p. 13). Nas editoras cartoneiras interessa a dimensão ontológico-política, o trabalho coletivo que se desenvolve nesses espaços, pautado na premissa da convivência criativa, do artesanato e da livre criação como molas, além de toda uma possibilidade de produção e circulação da literatura por outra via que não a convencional.

Contudo, dentre as diversas experiências editoriais independentes que vicejam no país interessa-nos, nesse texto, projetos editoriais independentes geridos por mulheres e que publicam mulheres. Essas editoras surgem, antes de tudo, como um posicionamento político de enfrentamento a uma sociedade ainda marcadamente patriarcal e misógina, também no que tange ao mercado editorial. Por exemplo, a história das mulheres editoras não é tão conhecida no país e carece de um olhar mais acurado.⁵¹ Destaco, no cenário contemporâneo, a atuação de Maria Mazarello Rodrigues, mulher negra, fundadora e editora da Mazza Edições, em Belo Horizonte, desde

⁵¹ Ana Elisa Ribeiro, em seu projeto de pesquisa “Mulheres que editam: um mapeamento preliminar no Brasil”, em execução no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), busca traçar um mapeamento da história das mulheres no campo da edição, especialmente as que atuaram e atuam em posições de liderança e decisão.

Gênero, sexualidade e identidades

1981, editora pioneira na publicação de autores negros. Ou Sonia Junqueira, editora atuante há mais de 40 anos, em diversas casas brasileiras, sendo hoje a editora de obras infantis, entre outras, do grupo Autêntica. Mas a grande questão é que o silenciamento e apagamento de mulheres no mercado editorial é uma constante. A conhecida pesquisa coordenada por Regina Dalcastagnè junto ao Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, da Universidade de Brasília, atesta isso. Nas páginas dos livros brasileiros de grandes editoras como a Record, a Companhia das Letras e a Rocco predominam escritores (70,6%) e personagens homens (58,2%), brancos (77,9%) e heterossexuais (85,7%). Assim, embora as mulheres sejam as que mais leem no país e influenciam a formação do hábito leitor – segundo a última edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, desenvolvida pelo Instituto Pró-Livro –, os nomes femininos nas capas dos livros, como autoras, ainda figuram em menor escala. E a atuação de editoras geridas por mulheres e cujos projetos editoriais focuem na publicação de outras mulheres configura-se como um ato político de resistência e enfrentamento ao *status quo*.

Há que se considerar, ainda, que essas ações podem ser analisadas para além do mero ato de produção editorial. As atividades de editoras independentes geridas por mulheres devem ser analisadas como agenciamentos que estão conectados e articulados a vários outros, gerando outros possíveis agenciamentos, em uma esfera político-cultural que pode e deve ultrapassar o âmbito do campo editorial. Nos termos de Deleuze e Guattari os livros são *agenciamentos*, pois neles há “linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação”. (1995, p. 12). E essas linhas e movimentos são operados por velocidades que acarretam fenômenos de retardamento, de viscosidade ou de precipitação e de ruptura, constituindo agenciamentos: “Um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade - mas não se sabe ainda o que o múltiplo implica, quando ele deixa de ser atribuído, quer dizer, quando é elevado ao estado de substantivo” (1995, p. 12).

Dessa maneira, a noção de agenciamento, tal como forjada por Deleuze e Guattari, torna-se necessária para a análise que será apresentada. Para Deleuze e Guattari (2011) um agenciamento pode ser dividido em dois eixos, um vertical e um horizontal. O horizontal é composto por um segmento

de conteúdo e outro de expressão. O de conteúdo pode ser chamado de *agenciamento maquínico* de corpos, o de expressão é o *agenciamento coletivo de enunciação*. Segundo o eixo vertical, o agenciamento tem ao mesmo tempo *lados territoriais ou* reterritorializados, que o estabilizam, e *pontas de desterritorialização* que o impelem. Essa tetralvência aponta para a natureza dos agenciamentos. No eixo horizontal, por um lado o agenciamento é *agenciamento maquínico* de corpos, “de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros” (2011, p. 31). Por outro, ele é *agenciamento coletivo de enunciação*, “de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuindo-se aos corpos” (2011, p. 31), são estados de coisas.⁵² Assim, no funcionamento dos agenciamentos, os enunciados e os estados de coisas atuam como engrenagens, as faces estão em relação de complementaridade, ainda que variáveis, interconectam-se seus valores e segmentos. E como no eixo vertical o agenciamento é dividido de acordo com os movimentos que o tensionam, todo agenciamento comporta movências de desterritorialização, que podem reconfigurar processos de novas criações, constituindo novas territorialidades. Os dois movimentos coexistem em um agenciamento, não são simétricos, mas um agenciamento é composto por ambos, o movimento se passa entre um e outro.

Instaurada a inserção da noção de *agenciamento*, pretende-se analisar as experiências de editoras independentes geridas por mulheres, entendendo essas ações como agenciamentos, aqui denominados político-culturais. O livro como agenciamento, na acepção delleuziana e guatariana, não possui corpo único, embora sem órgãos, mas vários corpos, segundo a natureza das linhas consideradas, seu teor e densidade, as possibilidades de convergência sobre o plano de consistência, sendo possível “quantificar a escrita”. E como se defende aqui o livro como agenciamento político, para além do que os livros das autoras falam, interessa-nos a maneira como são feitos e colocados a circular, que relações são estabelecidas, que confrontos se criam e o que propiciam essas aproximações e/ou rupturas. Considerado como agenciamento, o livro “está somente em conexão com outros

⁵² Os enunciados ressoam em atos incorpóreos, palavras de ordem exercidas sobre os corpos. Ainda que um autor emita uma sentença, há que se considerar, sob essa noção, que não há sujeito de enunciação, efetivamente, pois os enunciados expressos pelas sentenças emitidas por cada sujeito dependem de um complexo agenciamento, que inevitavelmente é uma operação coletiva.

Gênero, sexualidade e identidades

agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos”. (1995, p. 2). Dado que a própria literatura pode ser vista como agenciamento, relacionada a toda uma constituição de saberes e de poderes – agenciamentos vários, os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização que vão sendo constituídos no grande território do campo literário apontam para o tensionamento de forças como a do movimento das editoras independentes geridas por mulheres, cujas atividades consubstanciam agenciamentos a partir de experiências que atravessam o mercado editorial e outras práticas político-culturais, em uma mirada coletiva, as quais também se constituem agenciamentos, deslocam escritores-leitores / leitores-escritores de pretensas zonas de conforto para zonas de pura intensidade e força. De vida, sempre em conflito.

2 Nós por nós: três editoras independentes geridas por mulheres

Embora surjam cada vez mais editoras independentes geridas por mulheres, pretende-se aqui, apresentar brevemente duas delas e focar a análise nas ações de uma terceira editora, a Me Parió Revolução. A primeira selecionada é a Aliás Editora, editora independente surgida em 2017 e que se propõe a publicar livros, zines e outras publicações artesanais nos mais diversos gêneros, com ênfase na literatura e nas artes visuais. A Aliás Editora publica “mulheres (cis e trans) nas conexões produtivas do livro e da literatura, buscando viabilizar a inserção de autoras (inéditas ou não) com temáticas que valorizem o papel fundamental da mulher na construção e na potencialidade de territórios mais livres, justos e igualitários”. A editora, em seu site, apresenta-se como:

um coletivo editorial formado por mulheres - de diferentes origens e saberes - que surgiu no mundo para produzir livros, livros artesanais, zines e novos suportes para as literaturas. **Anna K. Lima, Isabel Costa e Jéssica Gabrielle Lima:** três mulheres empenhadas e felizes em buscar audibilidade, vez, cor, ouvidos, abraços ao que - nós mulheres - quisermos ser. Publicações de mulheres. Ações de mulheres inspiradas e dispostas a criar novos suportes para textos e imagens literárias. Partindo da arte e da produção de zines, nós publicamos contos, crônicas, cartas, receitas, poesias e narrativas do cotidiano escritas exclusivamente por mulheres. São elas, as escritoras e as artistas, que nos inspiram, que movem nossos mundos, que desbravam horizontes perto de

nossos olhos. Mulheres que encontraram expressões e potências na palavra escrita, sentida e falada. A editora tem base em Fortaleza, Ceará.⁵³

Além do trabalho de confecção de objetos literários, a editora objetiva realizar encontros, saraus, debates, exposições, conversas e diversas ações em instituições públicas e particulares. A Aliás “funciona não apenas como uma publicadora, mas, sim, como um centro de pulsão e propulsão de movimentos literários”. Durante a pandemia, a editora intensificou sua atuação nas redes sociais e tem utilizado seu perfil no Instagram para realizar constantes momentos de debates com escritoras convidadas ou suas editoras têm participado ativamente de debates promovidos por outros perfis, sobre a escrita e publicação de mulheres. Tem promovido oficinas de escrita criativa, como “Capacete devia ser era no peito”, disponibilizou *ebook* de livro publicado, para que o público estreitasse contato com as publicações da editora. Para sobreviver em meio ao caos da pandemia, a Aliás segue com as vendas online e criou uma campanha de financiamento coletivo no Catarse, intituladas “Bons ventos sempre chegam”. Recentemente, iniciou um movimento para mapeamento de escritoras lésbicas, bissexuais e trans, cujos dados serão utilizados para direcionar ações, criar projetos, antologias literárias e artísticas e ampliar conexões e ajuntamentos de mulheres. Com trinta publicações em seu acervo, entre livros, revistas e zines, a editora nordestina, cearense, segue consolidando sua trajetória, ao longo desses três anos de existência e apresenta-se como uma potência criativa, para além do eixo Rio-São Paulo.

A segunda selecionada é a Quintal Edições, editora atuante desde 2015, também dedicada a publicar exclusivamente mulheres. A Quintal possui, em seu catálogo, 24 obras de escritoras, com distintas temáticas. Segundo Carol Magalhães, criadora da Quintal Edições, a preocupação da editora é ter maior número de representatividade: “Temos negras e LGBTQS publicadas e queremos que esse número cresça, bem como queremos ter no nosso catálogo outras minorias representadas”.⁵⁴ No início desse ano, em 28

⁵³ Informações coletadas do site da editora. Disponível em: <https://www.aliaseditora.com/sobre>. Acesso em maio de 2020.

⁵⁴ Em entrevista concedida a Bárbara Zaríf, para o TAB. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/08/mulheres-abrem-editoras-para-derrubar-maioria-masculina-entre-autores.htm>. Acesso em setembro de 2019.

Gênero, sexualidade e identidades

de janeiro, antes da pandemia, a editora sofreu um duro golpe. Fortes chuvas que assolaram a cidade de Belo Horizonte, cidade em que se localiza a editora, alagaram a sede da Quintal Edições e destruíram a maior parte de seu estoque e material permanente, como computadores, impressora, material de trabalho, arquivos de back-up. Em pronunciamento em página da editora na rede social Facebook, depois do fato, a editora informou aos leitores sobre o ocorrido e conclamou a todos para uma campanha coletiva de financiamento, para garantir a retomada dos trabalhos:

Estivemos, desde aquela noite, desafogando. Limpando e secando a casa. Tomando fôlego. Mas reconhecemos, no pouco que sobrou, nossa maior força: segue intacto, evidente, cheio de luz, o nosso propósito de apoiar mulheres em suas jornadas de encontrar o seu lugar como autoras.

Vamos seguir em frente! Por enquanto as vendas no site foram suspensas e novos lançamentos adiados até que tenhamos os recursos e as ferramentas necessárias para dar continuidade ao nosso plano editorial. Agora precisamos de você para levantar fundos para adquirir novo equipamento, reparar avarias no espaço físico, reimprimir as tiragens perdidas e voltar ao mercado.

Contamos com o seu apoio!⁵⁵

Cada uma a seu modo, as duas editoras inicialmente apresentadas buscam sobreviver em um mercado competitivo. E com os desafios que se apresentam a todos, no atual cenário da pandemia, investem maciçamente em ações no âmbito virtual, desenvolvendo atividades que tanto objetivam visibilizar a editora quanto fortalecer a publicização de produções de mulheres, foco das editoras.

A terceira editora sobre a qual discorreremos, o selo editorial Me Parió Revolução, idealizado e executado por mulheres⁵⁶, foi criada pela escritora Dinha, em 2013, junto com um coletivo de mulheres da Rede Poder e Revolução. A escritora Célia Reis, membro do coletivo desde 2016, assim caracteriza o grupo:

⁵⁵ Informação coletada de postagem realizada em 20 de fevereiro de 2020 na página do *Facebook* da Quintal Edições. Disponível em: <https://www.facebook.com/quintaledicoes/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2020.

⁵⁶ Hoje, as mulheres à frente da Me Parió Revolução são Maria Nilda de Carvalho Mota, Célia Reis, Sandra Regina Perez Alberti, Lindalva Oliveira Feitosa, Driely Gomes, Laniela Feitosa, Fernanda Mithie, Gláucia Dantas dos Santos. Entretanto, para além desse restrito número de mulheres que respondem oficialmente pela editora, há toda uma rede feminina que contribui para o processo de editoração dos livros, participando das oficinas de montagem, quando o processo é artesanal, o que ocorre na maior parte das vezes. As mulheres da Me Parió se autodenominam “parideiras” e não editoras.

Somos mulheres de muitas histórias, trajetórias, engajadas em múltiplas frentes da vida: família, maternidade, trabalho – fora e dentro de casa – luta por moradia, ativismo cultural, escritas, saraus, educação, biblioteca comunitária, cursinho popular, pesquisas e estudos acadêmicos. Cada uma com sua potência, com sua luz transforma esse selo editorial em voz ampliada de mulheres, como um farol largo e de grande alcance, iluminando longe.⁵⁷

O selo tem a proposta de editar livros “semiartesanaís, bonitos de encher os olhos e a alma, mas sem esvaziar os bolsos”. Segundo o site da editora, a intenção é promover “a leitura facilitando o acesso aos livros, e incentivando autores e autoras estreadantes ou não a publicarem seus textos de forma independente”.⁵⁸ Na aba “Quem somos”, no site da editora, assim se apresentam as editoras:

SOBRE NÓS

Mulheres periféricas, nós somos. Interessadas no trabalho de formar leitores e leitoras críticas - que leiam o mundo (feio ou bonito) que se esconde nas entrelinhas.

E como já dizia o camarada Black Alien:

"Há três tipos de gente

As que imaginam o que acontece

As que não sabem o que acontece

E nós que faz acontecer"⁵⁹

Nesse “fazer acontecer”, em sete anos de existência, a editora publicou treze títulos. O livro de estreia foi o livro de poemas de Dinha *Onde escondemos o ouro*, com tiragem esgotada, que teve uma segunda edição em 2016. Em 2014, a editora publicou *Onde estaes Felicidade*, de Carolina Maria de Jesus. *Desumanização na literatura*, de 2015, foi organizado por Fernanda Massi e Patrícia T. Nakagome e é composto por seis ensaios sobre literatura

⁵⁷ Depoimento de Célia Reis publicado em 05 de outubro de 2020 no Site Nós, Mulheres da Periferia. Disponível em: http://nosmulheresdaperiferia.com.br/nossas-vozes/selo-literario-meparario/?fbclid=IwAR1zeFmfTEIT3e3bGPjhWjCQPvE3l_81ZvZmfhSdRv8bNKnA_0aLTKHjwCQ. Acesso em 06 de outubro de 2020.

⁵⁸ Informações disponíveis no site da editora, aba “Início”. Disponível em: <https://www.meparario.com.br/>. Acesso em 10 outubro de 2020.

⁵⁹ Informação coletada do site da editora. Disponível em: <https://www.meparario.com.br/e-nois-quem-e>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

Gênero, sexualidade e identidades

e desumanização. Em 2015, foi publicado no *Zero a zero*: quinze poemas contra o genocídio da população negra, organizado por Sandra Alberti e Lindalva Oliveira Feitosa. Livro de poemas de Dinha, como sugere o título, é composto por quinze poemas que tematizam o extermínio principalmente de jovens e crianças negras. Em 2016, a editora publicou o seu quinto livro, *Canções de amor e denço*, de Cidinha da Silva, sob a coordenação editorial de Driely Gomes, Laniela Feitosa, Fernanda Mithie, Dinha, Lindalva Feitosa Oliveira, Eduardo Carvalho Mota, Sandrinha Alberti. A sexta publicação da editora foi *Metralhadora de chocolate de Dinha e Du*, em 2017, parceria de escrita entre Dinha e seu esposo.

O sétimo livro, *De “Zacimbas a Suelys”*: Coletânea Afro-Tons de Expressões Artísticas de Mulheres Negras no Espírito Santo, de 2017, é uma coletânea de textos de mulheres periféricas do estado do Espírito Santo que fazem parte do Coletivo Negro Afro-Tons. A oitava publicação foi *Gado cortado em milprantos*, livro de poemas de Dinha. O nono livro foi *Espantologia Poética Marielle em nossas vozes*, livro organizado por Palmira Heine, Dinha e Célia Reis, composto por poemas de trinta e duas autoras de variadas partes do Brasil. Publicado em 2018, o décimo livro, *Teatros negros: estéticas na cena teatral brasileira*, da atriz Cristiane Sobral, delinea uma história do teatro negro no país. O livro constitui o primeiro volume da Coleção Quadro Negro. Em 2019, o décimo primeiro livro publicado foi a edição bilingue *Maria do Povo / María Pepe Pueblo*, com poemas de Dinha em português e em espanhol, para circulação também em países de fala hispânica. Também em 2019 foi publicado *Pele para nossos corpos*, da artista Michele Lomba ou Mixa, cujos poemas configuram gritos de alerta contra o silenciamento de vozes, em especial a de mulheres. Em 2020, em plena pandemia, a Me Parió Revolução reconfigurou e relançou seu site, com um novo projeto visual, e lançou o décimo terceiro título, *Diário do fim do mundo*, de Dinha. Neste livro, Dinha escreve crônicas-poemas, à guisa de um diário, registrando sentimentos vivenciados durante a pandemia.

Todas as publicações da editora atestam o protagonismo feminino e colocam em prática o objetivo de incentivar autoras, estreadas ou não, “a publicarem seus textos de forma independente”, o que já atesta o projeto de oportunizar o fortalecimento de coletividades femininas, uma das mais importantes estratégias de agenciamento perceptíveis na editora. Essa força da coletividade é expressa principalmente na publicação de dois dos livros do

acervo da editora. Um deles é *De “Zacimbas a Suelys”*: Coletânea Afro-Tons de Expressões Artísticas de Mulheres Negras no Espírito Santo, com textos de mulheres do Coletivo Negro Afro-Tons, coletivo de expressividade artística que tem como um de seus objetivos promover o “debate sobre questões políticas e sociais que perpassam pelo universo afrocentrado, com o intuito de desconstruir estereótipos depreciativos e estigmatizantes, e ressignificar valores e identidades”.⁶⁰ A poeta e atriz Suely Bispo foi a grande homenageada na coletânea e é autora do texto da orelha do livro. O projeto foi contemplado pelo Edital 002/2016, Diversidade Cultural, da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo.

A publicação conta com um diversificado conteúdo autoral elaborado em forma de poemas, contos, fotografias e desenhos de 24 mulheres negras. Segundo Cibele Verrangia, uma das organizadoras do Coletivo Afro-Tons, o livro surgiu pela necessidade de publicar e divulgar a intensa produção dessas mulheres, valorizando o trabalho desse grupo social: “A temática central [...] é a luta contra o feminicídio negro, o racismo, a violência contra a mulher como um todo, a transfobia e o empoderamento da mulher negra através das artes. Esta publicação fortalece o lugar de pertencimento e motiva a produção de mulheres”. O texto da contracapa do livro é da Editora Me Parió Revolução e o posfácio foi escrito por Priscila Gama de Oliveira, do Instituto das Pretas.Org. Oliveira destaca, já no início do posfácio, a importância do livro por representar mulheres negras pela voz das mulheres negras, fato representativo em uma sociedade em que os índices de mortalidade de mulheres negras é muitas vezes ignorado pelo poder público e pela sociedade. Para a autora, o livro representa um “grito em forma de arte”, um berro de “RExistência na terra onde o velho racismo se manifesta em novas práticas e onde as marcas das dores por ele causadas implicam na nossa constituição individual e coletiva”. E aponta para a necessidade de mais e mais mulheres negras em processo de redescoberta estética e a importância de que a coletânea traz coletivos de mulheres negras interligados, em

⁶⁰ Informação coletada do ebook do livro *De Zacimbas a Suelys: Coletânea Afro-Tons* [...], p. 27, disponibilizado em: https://docs.wixstatic.com/ugd/c27f34_550d64a69bc34cf4908f15b71051f093.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2017.

Gênero, sexualidade e identidades

expressão de uma liberdade pela qual se luta sempre, criando novas perspectivas e percorrendo caminhos negados e se fazendo visível:

E as linhas desta coletânea me fizeram sentir a tenra esperança de que podemos ser e estar, de fato e de direito, onde quisermos, inclusive na forma de livro, em todas as bibliotecas, nas mãos de todos os leitores, semeando aquele amor preto que nós, mulheres negras, somos mestres em semear. Ao passear por essas linhas, em histórias de tantas mulheres, me senti ali, em cada ponto, em cada verso, representada. E o significado disso pra mim é, sem dúvida, a grata sensação de me ver refletida. [...] Mas o mais importante é que esses meus porquês são também os nossos e que em espaços como este vão sendo resolvidos, de alguma forma, por nós mesmas, em protagonismo, não só dessas linhas, mas de nossas vidas. Essas vidas pretas, muito embora não tenham o valor que merecem pelo todo, tem valor para nós. E difundir as nossas questões é também dar eco ao grito da nossa existência e das nossas imensas e diversas possibilidades, é dizer o que tem que ser dito, mesmo que toque a ferida ainda aberta. Que toque essa ferida! Principalmente a dos privilégios, a dos preconceitos, a das violências que nos tem como alvo. [...] Nenhum passo para trás...

Destacamos, do texto de Oliveira, a percepção de que a publicação do livro representa a criação / ocupação de espaços que ressignificam as potencialidades das produções artísticas visuais ou verbais, no caso do livro, reveladoras de experiências de vida alicerçadas em fontes de saberes e conhecimentos negros, os “infinitos saberes”. São, antes de tudo, experiências estético-políticas legitimadoras de lugares de fala dos que sofrem a ferida do racismo estrutural e, por meio da arte, tocam essa ferida e a enfrentam. E a publicação do livro por uma editora periférica, gerida por mulheres, só fortalece a significação dessa experiência.

O segundo livro, também uma coletânea, é *Espantologia Poética Marielle em nossas vozes*, livro produzido em parceria com o Coletivo Mulherio das Letras, composto por mulheres de todo o Brasil, geralmente escritoras. O livro é constituído de textos de mulheres que queriam expressar, poeticamente, sua indignação e dor pela execução da “mulher negra, favelada, lésbica e vereadora do município do Rio de Janeiro”, Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018, em um crime bárbaro que ceifou “uma vida pulsante, ativa, que ampliava o lamento, a reação e a

proposição de milhares de vozes que historicamente foram silenciadas”.⁶¹ Por isso, as autoras justificam que o título do livro não poderia ser antologia, mas sim uma “espantologia”: “não se trata de uma simples reunião de poemas sobre Marielle Franco. É, antes, a perpetuação do nosso espanto, do nosso canto... ambos necessários para que Marielle, sua luta e as nossas continuem vivas apesar dos constantes ataques à nossa integridade física, emocional, intelectual e artística”. Assinada pela Me Parió Revolução e pelo Coletivo Mulheres das Letras, a apresentação do livro antecipa que em suas páginas estarão “gritos, choro, reação e anúnciação de mulheres que se sentiram atingidas, violentadas com a morte de mais uma irmã, e decidiram se expressar em poemas num movimento literário de mulheres onde fazem coro nossas vozes femininas”. Um dos aspectos mais interessantes dessa apresentação (e que se coaduna com a discussão sobre estratégias de agenciamento da editora Me Parió) é o fato de que o próprio livro já é apresentado como uma das ações geradas pelo movimento de resistência de mulheres que se teceu, após o assassinato de Marielle:

Acontece que essa morte se somou às outras para nos despertar as consciências e, feito sementes, as espalhamos ao vento, para que fecundas se multipliquem nesse contínuo movimento pela vida. Para que a luta histórica de mulheres, como Marielle, continue desfazendo os nós da violência, da objetificação, da marginalização e exclusão. A poética da luta de Marielle é aqui representada em cada escrita, em versos que soam como rios de lágrimas, vozes que ecoam por toda a Nação, denunciando a barbaridade cometida e lembrando que tal feito não é novidade, pois muitas outras tombaram ao longo dos 500 anos de Brasil. Marielle em nossas vozes prossegue, no anseio de mundos outros, onde o lugar da mulher é onde ela quiser. Onde todo lugar é o nosso lugar.⁶²

O aspecto destacado no texto, do lugar da mulher, é importante, em diálogo, mas para além das ações da editora. Embora todo lugar deva ser

⁶¹ Todas as citações de *Espantologia Poética Marielle em nossas vozes* foram extraídas da apresentação do livro, em sua versão digital, p. 10-11. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/c27f34_1c3b2ad6f3204cf3a453b58fe7b979b8.pdf. Acesso em 10 janeiro de 2018.

⁶² Trecho extraído da Apresentação do livro *Espantologia Poética Marielle em nossas vozes*, em sua versão digital, p. 10-11. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/c27f34_1c3b2ad6f3204cf3a453b58fe7b979b8.pdf. Acesso em 10 janeiro de 2018.

Gênero, sexualidade e identidades

“lugar de mulher”, na prática, é necessário à mulher empreender lutas cotidianas para ocupar espaços e ser reconhecida por isso. E se à condição de ser mulher associa-se a negritude, a luta por espaço é ainda mais acirrada, como afirmou Priscila Gama de Oliveira, no posfácio anteriormente citado.

Experiências como a da publicação do livro *Espantologia Poética Marielle em nossas vozes* reiteram ações de mulheres que lutam, resistem e buscam o reconhecimento a partir da expressão de suas vozes, coletivamente mais fortes. Assim, coletivos de escritoras negras vão se formando, atuando de maneira contundente por espaços em que suas vozes ecoem para além dos lugares cerceados impostos historicamente às mulheres negras. E ainda que não se constitua em um projeto editorial, gostaria de destacar a potência de uma atividade como a ocorrida em janeiro de 2017, em Salvador, na Casa Preta, a *1ª Palavra Preta – Mostra Nacional de Negras Autoras*, organizado pela cantora e compositora soteropolitana Luedji Nascimento e pela poeta e cantora brasileira Tatiana Nascimento. Para as organizadoras, o evento configurou-se como o lançamento de um olhar crítico ao silenciamento e invisibilização historicamente impostos às mulheres negras e sua arte, colocando em discussão “através das diversas artes – os papéis subalternos, exotizados, e/ou estereotipados associados às mulheres”. Para Tatiana Nascimento, o evento confluía “o sonho de muitas que trouxeram, de longe e de antes, nossos passos até aqui: sendo donas da nossa voz, da nossa palavra, do nosso canto e de nossa poesia, alimentamos a nós mesmas, e nutrimos também umas às outras”, em um movimento feito por, com e para mulheres negras. Para a organizadora, a mostra reunia “a força de nossa herança à criatividade inovadora da arte negra contemporânea que cada uma de nós atualiza na própria obra”, compartilhando a “arte negra afrodiaspórica, vibrante, diversa”. Na apresentação do evento, na página criada para isso, salienta-se o caráter de força coletiva feminina negra através das experiências estéticas:

Somos muitas, nos expressamos de diversas maneiras! reinventamos as fontes ancestrais, e renovamos os rumos da produção estética, poética, musical, performática desde a intimidade de nosso cotidiano até a expressão pública de nossa arte-existência-resistência. Partimos da crítica contundente ao cultivo da semente maravilhosa, construindo as pontes simbólicas que pavimentam nossa vida na trilha do amanhã.

Recusamos os lugares típicos em que o racismo, o cissexismo, a lesbofobia, o classismo tentam nos fixar, recusamos a invisibilização e o

silenciamento, recusamos que nossas vidas sejam contadas por sinhozinho branco patrono literário e que as mortes dxs nossxs sejam narradas como sangue de plástico na mídia:

nós escrevemos nossas palavras!

nós cantamos nossas canções!

nós falamos nossos poemas!

nós somos donas da nossa voz!⁶³

Chama a atenção no texto de apresentação, espécie de profissão de fé do Coletivo, o fato de destacarem a diversidade de mulheres e produções artísticas em experiências estético-políticas que partem do “chão” dessas mulheres negras e expressam sua “arte-existência-resistência”. Todas essas experiências, assim como a atuação da Editora Me Parió Revolução, apontam para ações que rechaçam uma propalada subalternidade feminina negra e pobre e se constituem em um movimento de mulheres que não mais querem suas vozes encobertas. Dessa maneira, pode-se afirmar que essas questões estão em diálogo com a perspectiva de Gayatri Spivak: “Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à contínua do subalterno? A questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (2014, p. 85). Todas as experiências femininas aqui citadas demonstram que essas mulheres, ainda que em condições sociais que as coloquem em posição de subalternidade, possuem vozes e tem conseguido espaços para fazer com que ecoem. E as formas de atuação da Editora Me Parió Revolução, o modo como os livros são produzidos e distribuídos, confirmam isso.

Para os livros já publicados até agora, o processo de seleção das obras foi por facilidade de acesso aos autores ou afinidade ideológica, não houve nenhum tipo de seleção pública ou realização de concurso. Já se caracterizou o processo de produção dos livros “*De Zacimbas a Suelys*”: Coletânea Afro-Tons de Expressões Artísticas de Mulheres Negras no Espírito Santo e *Espantologia Poética Marielle em nossas vozes*, frutos de

⁶³ Informações coletadas da página de Facebook do Coletivo Negro Casa Preta, em postagem de 16 de janeiro de 2017, disponível em:

<https://www.facebook.com/palavrapreta/photos/daqui-a-5-dias-tem-palavra-preta-mostra-de-negras-autoras-a-1%C2%AA-palavra-preta-mos/985081844957276/> Acesso em 18 de junho de 2018.

Gênero, sexualidade e identidades

parceria com coletivos de mulheres. Discorreremos também, ainda que brevemente, sobre o processo de produção de alguns dos outros livros do selo Me Parió Revolução. Como já referido, o livro de estreia da editora foi o livro de poemas de Dinha *Onde escondemos o ouro*, cuja primeira edição foi artesanalmente produzida, com impressão caseira e páginas costuradas manualmente e colagem de tecido em capa. Tudo isso com a ajuda de mãos das mulheres que formaram o grupo editorial. Já o segundo livro, *Onde estaes Felicidade*, de Carolina Maria de Jesus, teve o grande apoio da filha da autora, Vera Eunice Jesus Lima, que confiou em uma pequena editora para publicação de um livro inédito de sua mãe. Os dois textos inéditos que compõem o volume são “Onde estaes Felicidade?”, que dá título ao livro, e “Favela”. Os originais foram pesquisados por Rafaella Andrea Fernandez, em seu processo de doutoramento pela UNICAMP. A publicação no ano de 2014 foi em função do centenário de nascimento da autora. Para viabilizar o projeto, inicialmente criou-se uma vaquinha virtual, com a contribuição de pessoas e instituições de diversas partes do Brasil, que tiveram seus nomes incluídos nos agradecimentos. Mas o projeto da publicação obteve o apoio do Ministério da Cultura, durante o Governo Dilma Rousseff, o que permitiu a impressão da edição em uma gráfica de Brasília, DF, diferentemente de todos os outros livros, que são sempre produzidos em São Paulo. Embora o livro tenha tido um projeto gráfico mais tradicional, o toque artesanal não se perdeu. Todas as pessoas que contribuíram financeiramente para a edição receberam seus exemplares acompanhados de um marcador de páginas feito à mão, com a identificação do dono do livro, além de uma *abayomi*, boneca negra cujo nome tem origem iorubá e significa “encontro precioso”. Sua confecção é um ato de resistência da arte e valorização da ancestralidade negra. O livro teve tiragem de 2000 exemplares e sua distribuição foi gratuita, em virtude do apoio financeiro via Ministério da Cultura. Os livros foram distribuídos pela própria editora ou pelos parceiros na edição, como a Fundação Cultural Palmares e a Ciclo Contínuo Editorial. O livro teve a tiragem esgotada.

Alguns dos livros de poemas de Dinha publicados pela Me Parió Revolução, como *Onde escondemos o ouro*, *Zero a zero*: quinze poemas contra o genocídio da população negra e *Gado cortado em mil prantos*, tiveram mais de uma edição. A primeira edição de *Onde escondemos o ouro* foi bem artesanal e caseira, com impressão em casa, costura manual das

folhas e confecção de uma capa em tecido para o livro. A segunda edição, embora ainda com toques artesanais, teve sua impressão em uma impressora profissional, facilitando o maior número de impressão de livros. Geralmente, as tiragens são de 200 a 300 exemplares, a depender da demanda da venda dos impressos, dado que os livros são disponibilizados gratuitamente no site da editora. O livro *Zero a zero: quinze poemas contra o genocídio da população negra*, inicialmente produzido em casa, com capa em papel cartão preto, pintada a mão, teve sua circulação em encontros em coletivos negros, nos quais se discutia o genocídio da população negra, principalmente suas crianças e jovens. Essa mesma edição teve uma segunda reimpressão, com o apoio de coletivos negros, para que mais exemplares circulassem nos encontros.⁶⁴ Para a segunda edição desse livro, em 2018, foi realizada uma campanha virtual para arrecadação de fundos que viabilizassem a impressão, bem como contribuir para a sobrevivência da autora. De acordo com o valor das contribuições, era possível receber um ou mais livros da Me Pará Revolução. Essa edição não possui as características da primeira impressão / edição, com as capas artesanais, mas recebeu ilustrações bem significativas, feitas pela Dinha e Driely Gomes, que vicejam na capa e contracapa e páginas do livro, em diálogo com a temática da obra. Já *Gado cortado em mil prantos* também teve uma primeira edição, experimental e caseira, em 2018, produzida sob o mesmo sistema de auxílio financeiro do livro anterior. As pessoas que contribuíram receberam imediatamente a versão caseira, uma espécie de “boneca” da versão que seria feita em gráfica. Essa versão possuía uma capa em papel cartão vermelho, com as informações de título e autoria, nome da editora e dados da contracapa impressos em papel em escala de cinza e colados manualmente, com a aplicação de papel adesivo transparente, para proteger. As páginas foram impressas em impressora doméstica e cortadas e coladas à capa produzida. Esse caráter artesanal se perde, embora não totalmente, na versão produzida em gráfica logo após. O projeto gráfico mantém ilustrações criadas para a primeira versão. Essa nova impressão também foi enviada aos que viabilizaram economicamente o projeto. O saldo

⁶⁴ Colaboraram os seguintes coletivos: Núcleo Poder e Revolução, Coletivo Perifatividade, Edições Um por Todos e Força Ativa, todos de São Paulo.

Gênero, sexualidade e identidades

remanescente da tiragem é comercializado pela própria autora em eventos dos quais participa ou pode ser adquirido no site da editora.

A Editora Me Parió Revolução usa a internet como uma das estratégias de agenciamento para fazer circular suas publicações e promover discussões. A editora possui um site que, em sua versão mais atualizada, é composto por cinco abas: Início, Apoie-nos, Bodega literária, Quem somos e Contato. Em “Início”, o visitante é apresentado à proposta da editora, por meio do texto de apresentação “Livro pra que te quero”, apresentando a proposta da editora, como já comentado no início desse item, quando também foi apresentado o texto da aba “Quem somos”. Na primeira aba, “Início”, o visitante pode acessar os livros, em ebook, para degustação. E, se quiser adquiri-los, pode fazê-lo através da aba “Bodega literária”, na qual os livros com tiragens ainda não esgotadas são comercializados virtualmente. A aba “Apoie-nos” convida ao apoio às ações da editora através da compra dos livros editados e o link leva à aba anteriormente citada. Em “Contato”, há um formulário para contato por e-mail e a disponibilização de um link para curtir a página da editora no Facebook. A Editora mantém atualizada sua página na rede social Facebook com postagens de eventos, participação da escritora Dinha, representando o coletivo, em saraus, convites para lançamentos de livros da editora e afins. No contexto da pandemia, a escritora Dinha, com o apoio da Me Parió Revolução, empreendeu uma campanha de arrecadação de fundos, o projeto “Conexões contra o Covid”, para garantir o acesso à internet para quinhentas famílias que vivem em habitações precárias, entre os bairros de Parque Bristol e Jardim São Savério. A editora também tem realizado discussões ou as mulheres que a constituem tem participado de redes de discussões sobre o processo editorial e a circulação de textos literários.

3 À guisa de conclusão

As três editoras aqui apresentadas, Aliás Editora, Quintal Edições e Editora Me Parió Revolução, desenvolvem estratégias de agenciamento político-culturais que criam espaços de publicação e circulação de vozes de mulheres escritoras. Delleuze e Guattari, em análise sobre Kafka, analisam que as duas teses principais no autor seriam “a literatura como relógio que adianta, e como tarefa do povo. A enunciação literária a mais individual é um caso particular de enunciação coletiva” (2015, p. 151). Analogamente,

podemos afirmar que isso também pode ser percebido em relação às três editoras e suas potencialidades. A Aliás Editora, nordestina, situa-se em uma região geográfica que necessita “furar a bolha” da hegemonia do mercado editorial que viceja principalmente na região Sudeste, no eixo Rio-São Paulo. E tem feito isso de maneira contundente, utilizando as possibilidades que a malha virtual permite, tentando se fazer ouvir e ver e desenvolvendo projetos variados de publicações de mulheres. Também assim tem sido a atuação da belo Horizontina Quintal Edições, que enfrenta os desafios que as pequenas editoras também enfrentam, para produzir livros e fazê-los circular. Do mesmo modo a Me Parió Revolução, em suas ações coletivas desenvolvidas, vem travando um embate a partir de uma mirada periférica, mas sempre para além dela, para trazer à luz vozes de mulheres que poderiam encontrar dificuldades para publicar por grandes editoras e tem conseguido publicar textos de mulheres e fazê-los circular, ampliando debates sobre as temáticas retratadas nas obras publicadas pela editora.

Todas as ações sobre as quais se discorreu, até agora, constituem agenciamentos que se inserem nas constituições de performances políticas engendradas pelas editoras geridas por mulheres, aqui apresentadas. Analogamente à análise que Delleuze e Guattari fazem de Kafka, pode-se afirmar que essas editoras escutam as “potências do porvir”, escutam muito além do ruído dos livros, escutam o “som de um futuro contíguo, o rumor dos novos agenciamentos, que são de desejos, de máquinas e de enunciados, e que se inserem nos velhos agenciamentos ou que rompem com eles”. (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p. 150). As editoras geridas por mulheres e que publicam mulheres não somente escutam esse som, como ajudam a produzi-lo e o fazem reverberar, seja questionando ou transformando outros agenciamentos com os quais se cruzam, fortalecendo coletividades. E que as editoras geridas por mulheres e que publicam mulheres continuem vicejando!

REFERÊNCIAS

BILBIJA, Ksenija. Borrón y cuento nuevo: las editoriales cartoneras latinoamericanas. *Revista Nueva Sociedad* N° 230, noviembre-diciembre de

Gênero, sexualidade e identidades

2010. Disponível em: <http://nuso.org/articulo/borron-y-cuento-nuevo-las-editoriales-cartoneras-latinoamericanas/> Acesso em maio de 2016.

BILBIJA, Ksenija; CARBAJAL, Paloma Celis (Orgs). *Akademia cartonera: un abc de las editoriales cartoneras en América Latina*. Madison, Parallel/University of Wisconsin: Madison Libraries, 2010.

BOTTO, Malena. 1990-2000. “La concentración y la polarización de la industria editorial”. In: DIEGO, José Luis de (Coord.) *Editores y políticas editoriales en Argentina, 1880- 2000*. Buenos Aires: FCE, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

_____. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva; rev. da tradução Luiz B. L. Orlandi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DINHA, Maria Nilda de Carvalho Mota; REIS, Célia (Orgs.). *Espantologia Poética Marielle em nossas vozes*. São Paulo: Edições Me Parió Revolução/Mulherio das Letras, 2018.

DINHA, Maria Nilda de Carvalho Mota (Org). *De “Zacimbas a Suelys”*: Coletânea Afro-Tons de Expressões Artísticas de Mulheres Negras no Espírito Santo. São Paulo: Edições Me Parió Revolução/Coletivo Afro-Tons, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

TIBUNGO. A nova batalha das editoras independentes. Disponível em: <https://outraspalavras.net/podcasts/a-nova-batalha-das-editoras-independentes/> Acesso em julho de 2020.

ZARIF, Bárbara. “Mulheres transformam mercado editorial com publicações independentes”. UOL [on line], São Paulo, 08 ago. 2019. *Da agência Énois para o TAB*. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/08/mulheres-abrem-editoras-para-derrubar-maioria-masculina-entre-autores.htm>. Acesso em setembro de 2019.